

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LISBOA, CAPITAL DA INTRIGA INTERNACIONAL
3 de março de 2026

LA VITA È BELLA / 1979
(“A Vida é Bela”)

Um filme de Grigori Chukhrai

Realização: Grigori Chukhrai / *Argumento:* Augusto Caminito, Grigori Chukrai, Gianfranco Clerici, baseados numa história de Giovanni Fago / *Direção de Fotografia:* Mikhail Bits, Luigi Kuveiller / *Montagem:* Mario Morra / *Produção:* Lionello Santi / *Produção Executiva:* Karlen Agadzhanov, Giancarlo Marchetti / *Música:* Armando Trovajoli / *Design de Produção, Direção Artística:* Giantito Burchiellaro, Sergei Voroknkov / *Guarda-roupa:* Fayne A. Finkelman / *Som:* Mario Bramonti / *Interpretações:* Giancarlo Giannini (Antonio Murillo), Ornella Muti (Maria), Otar Koberidze (Alvarado), Regimantas Adomaitis (Perez), Juozas Budraitis (Gomez), Enzo Fiermonte (Zhozo), Stefano Madia (Pako), Yevgeni Lebedev (Rostao) / *Cópia:* Digital, a cores, falado em russo, legendado em inglês e eletronicamente em português / *Duração:* 105 minutos / *Estreia Mundial:* 21 de dezembro de 1979, Itália / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.*

Aviso: a presente cópia digital apresenta um logotipo Mosfilm transparente no canto inferior direito do ecrã. Um pequeno “ruído” na imagem que se lamenta.

Apesar de o fazer de maneira algo desprendida e até desfasada em relação ao tempo histórico representado, **La vita è bella** é um filme que procura dar resposta a uma questão central na experiência portuguesa do regime salazarista: o que terá conduzido certos cidadãos à clandestinidade e a uma vida dedicada à luta política? Esta produção italo-soviética pouco vista, e que nunca teve estreia comercial em Portugal, é ambientada na cidade de Lisboa e protagonizada por personagens nacionais interpretadas maioritariamente por atores italianos ou de ascendência russa. Este será o elemento mais “desfasado” neste filme: os rostos e a língua falada (russa) não combinam com a paisagem e o respetivo período histórico. De facto, em 1979 já Portugal se havia livrado da ditadura, pelo que a aparição, que não se conseguiu mascarar, de mensagens revolucionárias preenchendo as paredes da cidade também surge como uma espécie de anacronismo histórico e político algo desconcertante.

Não sabendo ao certo o que terá levado a realizar este filme o célebre cineasta soviético Grigori Chukrai, conhecido pelo belíssimo **Ballada o soldate/A Balada do Soldado** (1959), há vários elementos que tornam **La vita è bella** um retrato conseguido sobre um certo processo de conversão política. O seu protagonista, um antigo aviador das Forças Armadas, agora a ganhar a vida como taxista (um Giancarlo Giannini que já nesta altura havia trabalhado com realizadores renomados, tais como Valerio Zurlini e Stanley Kramer), é o típico cidadão alheado, que leva uma vida relativamente pacífica enquanto vai juntando algum dinheiro com o objetivo de voltar um dia a voar.

Em certo sentido, o tema do voo é tão metafórico quanto literal: Antonio Murillo (um dos vários nomes de sonoridade hispânica a povoarem este filme) é, em termos políticos, um “cabeça no ar”. A sua cegueira política termina com o deflagrar da paixão nutrida pela empregada de um restaurante, Maria (uma Ornella Muti numa fase da carreira semelhante à do seu *co-star*, Giannini, aguardando por um salto que lhe desse reconhecimento internacional, mas já tendo trabalhado com alguns dos maiores realizadores italianos do seu tempo, tais como Dino Risi e Mario

Monicelli). Ela opera clandestinamente, servindo de intermediária e colaborante numa rede de troca de informações e de contrabando de armas.

Em certo sentido, **La vita è bella** é uma espécie de anti-**Lisbon** (1956), o filme de espionagem americano realizado e protagonizado por Ray Milland, em que a cidade de Lisboa serve de ilustração delicadoce para o romance, mas em que a dita paixão acaba por ser suplantada pelo jogo de espelhos e a rede de engodos que se vai estabelecer com a personagem feminina interpretada por Maureen O'Hara. A posição de Maria é tão firme e inegociável como será o amor de Antonio, entretanto, convertido à causa revolucionária. Amar Maria significará, assim, abraçar um projeto político e, com isso, “descer à terra”, passando Antonio a perceber melhor o que tanta gente enfrenta ao levar uma vida na clandestinidade e, à conta disso, sofrendo na pele as sevícias e abusos corriqueiramente cometidos pela PIDE.

Trata-se também de uma Lisboa bem menos soalheira do que aquela que Milland celebra no seu filme. Chukrai transforma a cidade num palco escorregadio onde nem tudo é o que parece, em que a opressão do regime é convertida numa espécie de teatro sádico, com personagens supostamente “da luta” a se revelarem agentes ao serviço da polícia política. O caso mais notável é o do Dr. Gomez (de novo, o nome tem uma bizarra sonoridade hispânica), que, num golpe de teatro notável (filmado de maneira artificiosa), é barbaramente assassinado na rua pela polícia para depois regressar – *do reino dos mortos?* – enquanto um dos mais sádicos peões do regime que o filme convoca. Os métodos de tortura e de manipulação psicológica são expostos na última metade do filme, quando o politicamente alheado Antonio já se tornou um mártir político – nesta altura, parece que estamos a assistir a um filme neorrealista passado no tempo da Segunda Guerra Mundial. Chukrai filma com enorme cuidado o *décor* da prisão, mostrando quão violenta podia ser a vida atrás das grades sobretudo para aqueles que estavam conotados com movimentos tidos pelo regime como radicais ou terroristas.

O jogo psicológico é desgastante e as várias tentativas de pôr Antonio contra os seus companheiros e, acima de tudo, contra a sua amada sucedem-se, sendo o momento mais dramático do filme aquele em que o protagonista, muito desesperadamente, procura pôr termo à vida. Fora da prisão, especula-se sobre se Antonio terá estofos para se aguentar e não dar com a língua nos dentes. É uma situação quase insuportável, pois, enquanto está preso, Antonio é visto crescentemente como um putativo duplo traidor: para os pides, é um terrorista que guarda segredo sobre as suas atividades, ao passo que, entre os companheiros revolucionários, cresce a desconfiança de que Antonio os poderá ter traído. E tudo o que o pobre protagonista queria era ascender de novo aos céus, mas, desta feita, na companhia de Maria. Eis, enfim, a balada de um resistente antifascista.

Luís Mendonça